



PUUC  
RIO

VERA MARIA POLLO FLORES

REPRESSÃO E RECUSA: ASPECTOS CLÍNICOS

E

METAPSICOLÓGICOS

PSICOLOGIA

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, fevereiro de 1973

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

<http://www.puc-rio.br>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

REPRESSÃO E RECUSA: ASPECTOS CLÍNICOS

E

METAPSICOLÓGICOS

Por

Vera Maria Pollo Flores

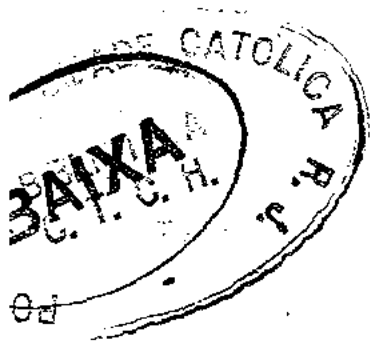
Tese submetida como requisito parcial  
para a obtenção de grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA APLICADA



Assinatura do Orientador da Tese

lo de Janeiro, GB., Fevereiro de 1973



24673 BC

150  
F364A

TESE UC

UC - 15040-8

RECC

Ao Dr. Carlos Paes de Barros, a quem expresso minha gratidão pe la incansável dedicação e clare za com que orientou êste trabalho.

A CAPES - sem cujo auxílio não teria sido possível a realização do Mestrado e da Tese, ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e a todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram na elaboração dêste trabalho, o meu sincero agradecimento.

Tese apresentada no Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, fazendo parte da Banca Examinadora os Seguintes professores:

Caru da Silva

Cláudio Carneiro

Sampaio

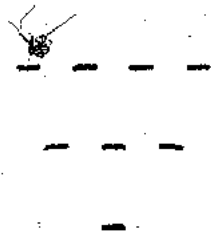
I N D I C E

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I	+ Evolução Histórica do Conceito de Repressão em Freud .....	1
CAPÍTULO II	- A Repressão e os Diferentes Tipos de Neurose .....	12
CAPÍTULO III	- Repressão e Mecanismos de Defesa .....	16
CAPÍTULO IV	- A Negação e o Levantamento de Repressão .....	24
CAPÍTULO V	- Repressão e Recusa .....	27
CAPÍTULO VI	- Metapsicologia da Repressão ..	37
CAPÍTULO VII	- Alguns Trabalhos Experimentais sobre a Repressão .....	43
CONCLUSÃO	- .....	50
BIBLIOGRAFIA	- .....	54

INDICE DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	- Primeiro Esquema do Aparelho Psíquico .....	11
FIGURA 2	- Segundo Esquema do Aparelho Psíquico .....	11



## S U M A R I O

Neste trabalho foi feito um estudo sôbre o conceito de "repressão" na obra de Freud nostrando-se, inicialmente, a sua importância histórica no surgimento da psicanáli-se e a evolução por que passou, desde sua concepção como defesa voluntária à concepção de mecanismo inconsciente. Foram caracterizados o seu objeto, as suas fases e as forças que a mantém, enquanto processo essencialmente dinâmico. Foram clarificadas as relações entre os termos "reprimido" e "inconsciente", com a reprodução de dois esquemas do aparelho psíquico, feitos por Freud.

Foram mostradas, em seguida, as diferenças do proceso repressivo nos tres tipos de psiconeuroses: histeria de angústia, histeria de conversão e neurose obsessiva.

Foi feito, também, através de sete afirmações, um levantamento das características da repressão, enquanto um mecanismo de defesa específica, nostrando-se principalmente, a instância psíquica em que ela ocorre e suas consequências positivas e negativas na vida psíquica dos sujeitos.

Foi abordado, ainda o fenômeno da "negação", enquanto levantamento de repressão, bem como o fenômeno de / "recusa" - mecanismo psicótico - que foi comparada ao de repressão - mecanismo neurótico.

Foi buscada uma explicação metapsicológica da repressão, baseada na teoria freudiana dos tres sistemas de neuronios e, finalmente, foi feita uma avaliação crítica de



alguns experimentos aparentemente relacionados ao fenômeno da repressão.

## S U M M A R Y

The study of the concept of "repression" in Freudian theory was the subject of this work; it was initially shown its historical importance in the origins of psychoanalysis and then its evolution from the notion of repression/ as a voluntary defense to its notion as an unconscious mechanism. Its object, stages, and the forces maintaining it were characterized as an essentially dynamic process. The / relationships between the terms "repression" and "unconscious" were explained by means of a reproduction of two schemes of psychic apparatus made by Freud himself.

It was then shown the differences in the repressive process in the three kinds of psychoneuroses: anxiety hysteria, conversion hysteria, and obsessive neurosis.

A survey of the characteristics of repression as a specific defense mechanism was also undertaken by means of seven statements, showing chiefly the psychic instance in which it takes place and its positive and negative consequences in the psychic life of individuals.

It was further mentioned the phenomenon of "negation" as a lifting of repression as well as the phenomenon of "undoing" - a psychotic mechanism - as compared with repression - a neurotic mechanism.

A metapsychological explanation of repression was searched, based on the Freudian theory of the three systems of neuroses and, finally, a critical assessment of some experiments apparently related to the phenomenon of repression was made.

## I N T R O D U Ç Ã O

O objetivo deste trabalho é um estudo sôbre o conceito de "repressão" na obra de Freud. Trata-se de um conceito fundamental não só na compreensão dos diferentes mecanismos psíquicos de defesa, como na compreensão de toda a teoria psicanalítica, constituindo, como o próprio Freud e salientou "uno de los pilares maestros de la teoria psicanalítica de las neurosis"<sup>11</sup> (II,12).

O primeiro capítulo consiste numa visão geral das modificações que tal conceito foi sofrendo nos diferentes momentos de evolução da psicanálise. Assim, mostraremos como a "repressão", foi, inicialmente, concebida como um mecanismo voluntário de defesa, representando sua concepção uma nova visão de mecanismo de dissociação histérica, um ponto-chave para o distanciamento entre Freud e Brener, um primeiro passo no caminho que vai de método catártico à psicanálise. Mostraremos, também, como a teoria da repressão foi, antes de tudo, o resultado de uma descoberta empírica e não de uma hipótese teórica.

Em seguida, será mostrado como a repressão passou, logo, a ser concebida como um mecanismo inconsciente, consistindo na supressão da carga afetiva ligada à representação ideativa de uma experiência sexual, que Freud pensou, inicialmente, estar ligada a uma outra experiência sexual, passiva e anterior à maturação sexual. Descobriu, depois, que, na verdade, ela se ligava a atividades sexuais nas não passivas e sin auto-eróticas.

Para explicar como ocorre a supressão de carga afetiva, recorreremos à sua teoria dos neurônios e, a seguir, faremos uma diferenciação entre a repressão no sentido amplo, que pode ser dividido em três momentos, e a repressão posterior ou repressão propriamente dita, e segundo momento daquela, que incide sobre as ramificações da primeira representação reprimida.

Faremos também uma distinção entre idéias reprimidas e idéias inconscientes, mostrando como as primeiras estão contidas nas últimas, que, todavia, a elas não se restringem.

No capítulo dois será visto o funcionamento da repressão nos três diferentes tipos de neurose: histeria de angustia, histeria de conversão e neurose obsessiva, investigando se ocorre ou não uma correspondência entre os sintomas de defesa primária ou repressão, as formações substitutas ou sintomas de retorno do reprimido e os sintomas de defesa secundária ou defesa contra o retorno do reprimido.

Mostraremos, então, que na histeria de angustia, os sintomas da defesa secundária (fobias) não correspondem nem aos sintomas da repressão nem às formações substitutas, enquanto na histeria de conversão não há defesa secundária e os sintomas da repressão correspondem às formações substitutas e, finalmente, na neurose obsessiva, as formações substitutas não correspondem aos sintomas da defesa primária mas coincidem com os da defesa secundária.

O terceiro capítulo destina-se ao levantamento das características da repressão enquanto um dos mecanismos de defesa, resumidos nas sete afirmações seguintes:

- 1) a repressão é uma defesa do Ego contra o Id, em

obediência ao Super-Ego;

2) A repressão se baseia numa fixação e envolve /  
uma sequência de três fases;

3) A repressão, geralmente, fracassa porque o Ego  
se torna débil ao se separar do Id;

4) A repressão não é o único método de defesa;

5) A repressão é uma "faca de dois gumes": pode /  
ser muito eficaz ou muito perigosa;

6) A repressão parece ser uma defesa ligada à fase  
falica ou organização genital da libido;

7) O Ego, em geral, não consegue mais se libertar/  
da repressão, quando o tenta, posteriormente.

O quarto capítulo refere-se ao fenômeno da "nega -  
ção", definido como levantamento da repressão. Em sentido an  
plo, êle é visto como aquilo que possibilita que pensamento/  
e afeto tornem-se independentes entre si, ou seja, que se re-  
alize um juízo, ao mesmo tempo, em que é também seu resulta-  
do. Enquanto mecanismo defensivo, analisaremos, brevemente,  
sua importância numa psicanálise e num psicodiagnóstico, mos-  
trando como a negação revela algo de Inconsciente do sujeito,  
ainda que no plano puramente intelectual, desprovido de afe-  
to.

O capítulo cinco destina-se a uma comparação en-  
tre os fenômenos de repressão e recusa. Em primeiro lugar, se-  
rá esclarecida a confusão oriunda das diferentes concepções  
do termo negação, usado para traduzir dois fenômenos bastan-  
te diversos: "Verleugnung" e "Verneinung". Sugeriremos, en-  
tão, que se mantenha a palavra "recusa" como tradução de /  
"Verleugnung", encontrada na edição portuguesa de "Vocabulairi

re de la Psychanalyse" de Laplanche e Pontalis, reservando-se o termo "negação" para traduzir "Verneinung".

Nêste capítulo, serão apontadas, principalmente, as divergências e analogias entre a repressão e a recusa, relacionando, como o fez Freud, o primeiro dêstes mecanismos às neuroses e o segundo às psicoses, embora não leven, necessariamente, a tais perturbações. Mostraremos as diferenças na natureza dos conflitos que nêles desembocam e na fôrça ou elemento responsável pela solução do conflito. Mostraremos, também, por outro lado, como, em ambos os casos, pode-se falar em perda e substituição da realidade.

Citaremos alguns exemplos para clarificar.

No capítulo seis será buscada a explicação metapsicológica da repressão, que é, então, definida como o envio / de contra catexe, por parte do Ego (instância que se forma / em psicologia), na direção de uma imagen mnêmica recatectada pela quantidade de energia endógena, (oriunda dos neurônios-secretores) que conseguiu, por "sonação" ultrapassar o limiar de resistência das barreiras de contato, ou seja, o nível "ótimo" ou constante da energia armazenada em psicologia.

No último capítulo, será feita uma avaliação crítica de alguns estudos experimentais que, aparentemente, vão / contra a teoria freudiana da repressão nas que, na verdade, baseiam-se em hipóteses que confundem o conceito de repressão, que revelam um conhecimento insuficiente do mesmo.

Concluiremos destacando os aspectos clínicos e metapsicológicos da repressão e recusa, que nos pareceram mais relevantes.

## C A P Í T U L O I

### "Evolução Histórica do Conceito de Repressão em Freud"

O conceito de repressão é encontrado, pela primeira vez na obra de Freud, num trabalho de 1894, intitulado "Neuropsicoses de Defesa"<sup>5</sup>. A repressão é apresentada como um mecanismo psíquico de defesa que pode levar à histeria (de defesa), às idéias obsessivas ou à loucura alucinatória. Sua essência consiste em despojar uma idéia de seu afeto e é considerada como consequência de um esforço deliberado do sujeito, ou seja, como uma defesa voluntária.

A teoria da repressão é vista por ele como ponto capital da teoria psicanalítica, juntamente com as concepções acêrca da sexualidade infantil e da interpretação dos sonhos, fatores que, como ele mesmo acentua em um de seus trabalhos<sup>17</sup>, transformaram o método catártico de .... Breuer na psicanálise.

Sabemos que Freud trabalhou, inicialmente, com Breuer e que publicaram juntos um artigo sôbre a histeria, mostrando como os sintomas histéricos dependem de cenas traumáticas esquecidas e correspondem ao emprêgo anormal (conversão) de quantidades de excitação não derivadas pelas vias motoras normais. Segundo Breuer, essas cenas eram esquecidas por ocorrerem em estados de debilitamento da consciência semelhantes aos hipnóticos ou "estados hipnóides". Freud, porém, não aceitava tal explicação da dissociação anímica dos histéricos, assim como não aceitava a interpretação organicista de P. Janet, de que se tratava de

uma incapacidade de síntese constitucional, uma alteração/ degenerativa do S.N.. Para Freud, a dissociação aparecia como um processo de repulsa a que deu o nome de "defesa" e, pouco depois, de "repressão". Assim, Freud foi se distanciando de Breuer e assim foi nascendo a teoria da repressão, cujo grande valor reside em não ser uma construção a priori, mas uma maneira de explicar um fenômeno que aparecia / na prática: a amnesia em relação a determinados fatos.

Tampouco satisfazia a Freud como podemos ver em "Sistemática"<sup>7</sup>, a utilização do método hipnótico para / se obter a catarse ou liberação de sentimentos. Insatisfeito com suas limitações e entusiasmado com as demonstrações de Bernheim de que os sujeitos sempre podiam lembrar o que haviam vivido em estado de sonambulismo, desde que o médico, de certa forma, o pressionasse para tal, Freud partiu para o método da associação livre e chegou à regra fundamental da psicanálise: renúncia a toda atitude crítica.

O método da associação livre, cuja base principal Freud reconhece ser apenas uma intuição, mostrou-se eficaz. As cenas esquecidas eram, aos poucos, lembradas através de suas associações com outros acontecimentos. A análise foi adquirindo um caráter regressivo: as associações do doente retrocediam da cena traumática a acontecimentos/ anteriores que, não sendo patógenos em si mesmos, forneciam tal caráter ao acontecimento ulterior. Viu-se que os sintomas não eram produzidos por um só trauma mas por numerosos traumas análogos, formando uma cadeia que tinha que / ser lembrada em ordem cronológica inversa. Além disso, esses acontecimentos não eram apenas relembrados mas emotivamente revividos. E a teoria da repressão foi ganhando cor-



po: a força que, no presente, impedia que os acontecimentos patógenos penetrassem na consciência deveria ser a mesma que, no passado, os impelira para o inconsciente.

Explica Freud que, subjacente à histeria, fobia e neurose obsessiva, existiria uma idéia, experiência ou sensação, que o Ego (instância psíquica que visa principalmente à auto-conservação do sujeito) tentaria destruir, em virtude do afeto(1) penoso por ela despertado. Esse afeto seria consequência de uma incompatibilidade entre tal idéia, experiência ou sensação e o Ego do sujeito, suas aspirações éticas ou semelhantes, uma vez que sucumbiam à repressão impulsos de egoísmo, crueldade e, sobretudo, impulsos sexuais.

Incapaz de conseguir seu objetivo, o Ego procura "debilitar" a idéia "despojando-a do afecto a ella / inherente" (I-175). Tal idéia é dita reprimida porque já / não aspira à associação, que a tornaria consciente.

Este mecanismo seria comum às neuroses acima mencionadas, cuja diferença residiria na utilização posterior da carga afetiva ou magnitude de estímulo que se tornou livre, enquanto o engrama mnêmico da idéia reprimida / constituiria sempre o núcleo de um novo grupo psíquico, / pelo seu poder de atração.

Ainda em "Neuropsicoses de Defesa"<sup>5</sup>, diz também Freud que em todos os casos de neurose obsessiva, por ele até então estudados, somente na vida sexual de tais /

(1) "AFETO" corresponde ao conceito sinétrico de "desejo". Não deve ser confundido com afeto que equivale a carga afetiva (magnitude de estímulo).

sujeitos encontrou um afeto penoso da mesma qualidade do /  
que aparecia ligado às idéias obsessivas. E mais ainda:

"en toda una serie de casos afirman los enfer-  
nos mismos que la fobia o la representación /  
obsesiva surgio cuando el esfuerzo de volun-  
tad parecia haver alcanzado su intención" (I-  
176).

A repressão aparece, portanto, como iniciada /  
por um ato de vontade mas não como um processo totalmente /  
consciente pois, algumas linhas abaixo, no mesmo artigo, /  
Freud menciona:

"La separación de la representación sexual /  
de su afecto y el enlace del mismo con otro  
representación adecuada, pero no intolerable,  
son procesos que se desarrollan sin que la /  
consciencia tenga noticia de ellos" (I-176).

Pouco tempo depois, a repressão é especifica -  
mente referida como um mecanismo de defesa inconsciente,  
o qual pressupõe a existência de um trauma sexual precoce /  
consistindo numa experiência passiva anterior à maturação /  
sexual, que ocorreria entre 8 e 10 anos. A ocorrência de  
uma nova experiência sexual, posterior a essa maturação, re-  
avivaria o engrana da primeira experiência, haveria o de -  
senvolvimento do afeto e a idéia correspondente à nova ex-  
periência seria reprinida. Tal seria o mecanismo da histe-  
ria. A repressão ficaria, portanto, condicionada à ativa-  
ção do engrana de um trauma sexual precoce.

Freud foi levado a essa conclusão guiado pelos  
próprios doentes que atribuíam seus sintomas a experiências

deste tipo. Só mais tarde é que descobriu que não passavam de fantasias cuja finalidade era encobrir atividades auto-eróticas inatas.

Comparando, logo em seguida, os mecanismos da histeria, neurose obsessiva e paranóia, Freud distingue entre os sintomas de defesa primária, os sintomas de volta / do reprimido e os de defesa secundária e mostra assim como o sucesso da repressão é quase sempre passageiro.

Os sintomas de defesa primária são consequência da repressão de uma experiência sexual que estabeleceu relação com a experiência precoce, os sintomas de retorno do reprimido consistem em produtos transacionais entre as idéias repressoras e as reprimidas e, finalmente, os sintomas de defesa secundária decorrem da defesa contra as ramificações da idéia reprimida.

Em "Esquisse d'une Psychologie Scientifique" / 25, Freud divide, inicialmente, o aparelho psíquico em três sistemas neurônicos:  $\Sigma$ ,  $E$ , e  $\Psi$ , sendo que  $\Psi$  corresponde aos neurônios que estão em contato com o mundo externo, aos neurônios que podem ser estimulados tanto externamente através de  $\Sigma$ , como internamente, pelas vias endógenas e que os neurônios  $\Sigma$ , relativamente impermeáveis / à transferência de quantidade, são susceptíveis à frequência do movimento neurônico e dão a percepção da qualidade.

As representações penosas ou incompatíveis com o Ego dizem respeito às experiências em que após um aumento súbito do nível de quantidade em  $\Sigma$ ,  $\Psi$  acusa desprazer<sup>e</sup> surge uma tendência à descarga (que pode ser modificada em tendência a impedir investimento de catexe). Com o escoamento da quantidade de catexe para fora da idéia cor-

respondente à experiência, ela se torna reprimida, ou, como dissemos anteriormente, não mais aspira a se tornar / consciente.

Quando esse aumento em        é provocado por uma percepção, pela penetração de quantidades excessivas em       , diz-se que ocorreu uma "experiência de dor". Posteriormente, no entanto, não é mais necessária essa estimulação do mundo externo pois essa experiência estabelece facilitações entre a tendência à descarga (neurônios motores) e a imagem mnêmica do objeto que causou dor e entre esta imagem e os "neurônios secretores" ou "neurônios chave". É, portanto, suficiente, como mostrou Freud, que haja uma reativação da imagem do objeto hostil (trauma sexual precoce) através de uma experiência semelhante (experiência sexual penosa posterior à maturidade sexual). Os "neurônios-chave" secretam, então, produtos químicos, aumentando o nível da quantidade em        e desencadeando todo o processo que vai / do anúncio de desprazer em        à decatectização da lembrança dolorosa, impedindo que se desenvolva o afeto a ela concomitante. Este último processo é chamado de defesa primária e a experiência total é chamada de "afeto".

Cabe lembrar, que as facilitações deixadas pela experiência de dor são muito numerosas, fazendo com que a imagem do objeto hostil possa ser facilmente reativável e exigindo, então, um trabalho constante de repressão.

Vemos, assim que há a decatectização ou a repressão da idéia de uma experiência, no momento em que ela ocorre (experiência de dor) e na ocasião em que ela é reativada (afeto). Esses são os dois sentidos ou dois tipos / de repressão que Freud vai explicar num artigo de 1915, ..

"La Represión"<sup>9</sup>.

A repressão no sentido lato compreende três momentos, dos quais o segundo pode ser chamado de repressão/propriamente dita ou repressão posterior. O primeiro momento corresponde a uma fixação de um instinto ou parte dele num estado libidinal infantil. O termo "libido" designa o conjunto dos instintos(1) sexuais que só, paulatinamente, se unem sob a primazia do instinto genital. Alguns instintos, como os anais, são, particularmente, susceptíveis à repressão e, portanto, à fixação, dada sua escassa importância para a organização genital. Segundo Freud, a interrupção do instinto sexual, durante o período de latência, é também uma situação propícia ao desenvolvimento das neuroses.

A representação psíquica do instinto não consegue chegar à consciência, fica então inutável no inconsciente e o instinto fica ligado a ela. Em "Observaciones Psicoanalíticas sobre un Caso de Paranoia Autobiograficamente Descrito"<sup>11</sup>, Freud, diz que tal fixação funciona como uma disposição para a doença e determina o fracasso da repressão.

A repressão propriamente dita, incide sobre as ramificações psíquicas daquela primeira representação ou / sobre as idéias de origem diferente nas que se associaram/ a ela, de forma que a intensificação, por meio dessas no-

(1) Usaremos o termo "instinto" de acordo com a tradução / castelhana, apesar de sua inadequação já indicada por Barros.<sup>1</sup>

vas representações, do desejo nela fixado entra em conflito com os desejos do Ego. A atração exercida pela representação original alia-se uma repulsa por parte do Ego e ambas agem em favor da repressão.

O terceiro momento diz respeito ao retorno do reprimido, mostrando como a idéia reprimida, na verdade, / não permanece inóvel, pois a repressão não a impede de / "continuar organizándose, crear ramificaciones y establecer relaciones"<sup>9</sup> (I, 1038) e, quando essas ramificações já se distanciaram bastante da representação original, podem / então penetrar na consciência, como ocorre nos sonhos atos falhos, associações livres e sintomas neuróticos. Se, diante dessas ramificações, pode haver o levantamento da repressão, ainda que passageiro, é porque elas não estão ligadas apenas à idéia reprimida (cuja penetração na consciência causaria desprazer) mas, também, à idéia repressora / (correspondente ao desejo do Ego, cuja satisfação gera prazer). São os chamados produtos substitutos ou transacionais.

O conteúdo manifesto dos sonhos, bem como os atos falhos e casuais são exemplos de formações substitutas compatíveis com a saúde mental. Entre os principais mecanismos que distanciam o conteúdo manifesto dos sonhos de seu conteúdo verdadeiro, inconsciente ou latente, encontram-se o deslocamento e a condensação.

Ainda no artigo "La Represión"<sup>9</sup>, Freud sugere que deve haver uma pressão contínua no sentido Consciente-Inconsciente, já que o reprimido exerce uma pressão contínua em sentido contrário e, pouco depois, em "Lo Inconsciente"<sup>10</sup>, denomina essa pressão de "contra-catexe" do P-Cc.,

ou seja, daquela instância em que se encontram os conteúdos capazes de consciência (e não propriamente conscientes).

A repressão é, portanto, um processo dinâmico/ e seu objeto não é o aspecto quantitativo do instinto ou seu montante de afeto mas sua representação ideativa que, como já vimos, desaparece do P-Cc. ou não chega a ter acesso a êle, quando separada dessa sua carga energética, que se transforma em angústia ou em inervação somática ou se liga a uma nova idéia. A consciência faz parte da própria natureza do afeto e quando se fala em afeto reprimido não significa, portanto, afeto inconsciente e sim inexistente/ enquanto tal até que se ligue a uma nova idéia consciente.

Sintetizando, diríamos que uma idéia reprimida / corresponde a uma idéia desprovida de afeto, uma idéia inconsciente e, portanto, sujeita às leis que governam o Inconsciente (a falta de contradição entre seus conteúdos; o processo primário - mobilidade de catexes; independência / temporal; substituição da realidade exterior pela psíquica). Mas em "Lo Inconsciente"<sup>10</sup>, Freud acrescenta ainda una nova característica: uma experiência reprimida é também desprovida de sua representação verbal, ao passo que as representações conscientes ou pré-conscientes integram as representações do objeto e as representações verbais.

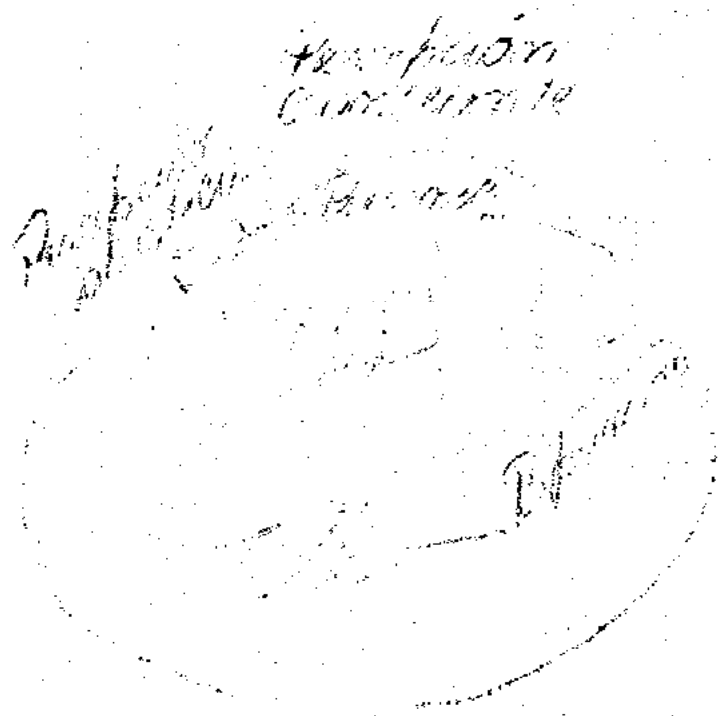
Cabe lembrar, finalmente, que reprimido não é sinônimo de inconsciente. Todo reprimido é inconsciente / mas nem todo inconsciente é reprimido, embora isso só se / tenha tornado claro para Freud após a elaboração do conceito de defesas inconscientes do Ego. No esquema do aparelho psíquico que Freud apresenta em 1923 em "El Yo y el Ello "

<sup>13</sup>, encontramos já um Id mais amplo do que o reprimido, por que possui conteúdos inatos, bem como um Ego parcialmente/ inconsciente (vide Fig 1), definido como "...una parte del ello modificada por la influencia del mundo exterior, transmitida por el P-Cc." (I,1196) e pelas percepções, externas e internas, oriundas do próprio corpo. Nesse artigo, Freud salienta também que é por meio das representações verbais/ que os processos interiores se transformam em percepções.

Em esquema posterior, que aparece em "Nuevas Aportaciones al Psicoanálisis"<sup>23</sup>, vemos como também o Super-Ego (instância crítica que se forma através das identificações) se submerge no inconsciente, compreendendo o sistema Inconsciente todo o Id, parte do Ego e parte do Super-Ego (Vide Fig. 2). Neste trabalho, afirma ainda Freud que é a repressão que faz com que o Ego se separe do Id e que "lo reprimido se funde con el Ello restante" (II,823). Não fôsse a repressão e todo impulso instintivo se tornaria / consciente, a caminho da motilidade, em sua ânsia de derivação externa.

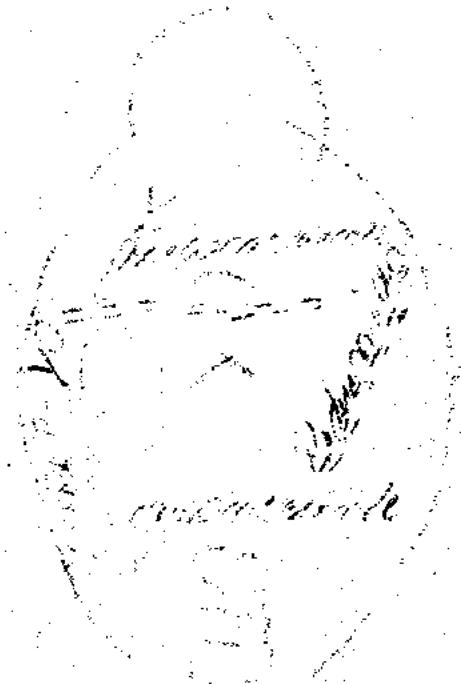


FIGURA 1



Primeiro Esquema do Aparelho Psíquico (1923)

FIGURA 2



Segundo Esquema do Aparelho Psíquico (1933)

## C A P Í T U L O   I I

### A Repressão e os diferentes tipos de neurose

A repressão não funciona exatamente da mesma /  
forma nos diferentes tipos de neurose.

Na "histeria de angústia", seu caráter essenci  
al é o afastamento e substituição de uma representação de  
um sentimento erótico inconsciente que aspirava passar pa-  
ra a Consciência. A carga afetiva, no entanto, permanece/  
e, por isso, a repressão sempre fracassa nêsse caso.

A parte ideativa é transformada por "desloca -  
mento", ou seja, o que aparece é uma idéia substituta (as-  
sociada com a representação reprimida, porém distante da  
mesma o suficiente para que escape à repressão). É a carga  
inconsciente é transformada em angústia. Essa seria a pri-  
meira fase do mecanismo repressor na histeria de angústia.

Numa segunda fase, a contra-catexe, enviada pe-  
lo pré-consciente na direção da representação a ser repri-  
nida, penetra na representação substituta, de forma que /  
ela se torna consciente, surgindo assim um motivo para a  
angústia que, até então, não o possuía. Há racionalização/  
da angústia.

Finalmente, a terceira fase consistiria no fa-  
to dos elementos associados com a representação substituta  
receberem uma carga psíquica intensa e sua excitação pro-  
vocar um pequeno desenvolvimento de angústia, que funciona  
como uma espécie de sinal para que se produza uma nova re-  
pressão.

Cria-se assim uma espécie de uma "muralha" pro-  
tectora, denominada "fobia", que consiste em evitar (repri -

nir) tôdas as percepções de objetos que poderiam excitar / não apenas a representação reprinida ou substituta, nas tam**é**n as representações associadas com a representação substituta. Consiste no limite progressivo de tôdas as atitudes de Ego favoráveis, mesno indiretamente, ao retôrno do reprinido. Trata-se de uma espécie de fuga que só tem êxito contra as excitações vindas, realmente, do mundo externo, mas não contra a excitação instintiva, que vem em sentido contrário, da representação reprinida para a substituta. O Ego projeta esse perigo instintivo no exterior e foge dêle, inultinente, como de um perigo externo. Daí o resultado da fuga fóbica ser sempre insatisfatório e a muralha protetora ou fobia ter que avançar cada vez mais, como resultado de um trabalho constante de repressão.

Assim, a formação de fobias não corresponde / nem aos sintomas da defesa primária (repressão inicial) nem à formação de produtos substitutos (sintomas de retôrno do reprinido), que também não se correspondem. As fobias constituem os sintomas da defesa secundária.

Na "histeria de conversão", o caráter essencial da repressão é a possibilidade de fazer desaparecer, por completo, o montante de afeto e daí se origina a característica, denominada por Charcot, "la belle indifférence des hystériques".

O conteúdo ideativo é completamente subtraído / à consciência mas, por um mecanismo de condensação, uma parte da representação reprinida atrai para si tôda a carga / inconsciente.

A contra-catexe preconsciente é que escolhe / qual será essa parte da representação do instinto, que a-

presenta, então, uma inervação muito intensa, geralmente /  
sonática. Daí a supressão total da carga inconsciente que,  
condensada numa só parte da sua representação anterior, /  
transforma-se em inervação sonática.

Portanto, o verdadeiro objetivo da repressão -  
supressão do montante de afeto - é quase sempre conseguido  
na "histeria de conversão".

As formações substitutas (partes da representa-  
ção reprimida) são mantidas tanto pelo Inconsciente (en-  
quanto expressão de sua aspiração instintiva) como pelo /  
Pré-Consciente (enquanto expressão de sua aspiração defen-  
siva ou punitiva), como ocorre também com a representação/  
substituta da histeria de angústia. Mas, diferentemente /  
desta última, na histeria de conversão, a formação de pro-  
dutos substitutos corresponde à formação de sintomas da de-  
fesa primária e o processo repressivo pode terminar aqui.  
Não se exige a defesa secundária.

A Freud<sup>4</sup> nos traz o exemplo de uma jovem educa-  
dora, que possuía vários irmãos e irmãs, mais velhos e /  
mais novos do que ela e que sofria, na infância, uma forte  
inveja do pênis de seus irmãos e uma grande hostilidade /  
contra a mãe, ao lado de intenso amor pela mesma. Diz-nos  
ela que se esta noça fizesse desaparecer da consciência /  
seu ódio contra a mãe e transformasse em sintomas corpo -  
rais tanto seus impulsos agressivos associados com êsse ó-  
dio como os impulsos sexuais associados com a inveja do pê-  
nis, diríamos tratar-se de uma histeria de conversão.

Quanto à neurose obsessiva, encontramos, como  
premissa básica, uma regressão que substitui uma tendência  
erótica por uma tendência sádica.

A repressão, inicialmente, obtém um êxito completo, desaparecendo tanto o conteúdo ideativo quanto o afeto. Forma-se, no entanto, como produto substituto, uma intensificação da tendência antitética à reprimida, uma modificação no Ego aumentando sua consciência moral, chamada "formação reativa". Essa intensificação se deve à contra-catexe pré-consciente e vemos assim que, nesse caso, a formação substituta não corresponde aos sintomas de defesa primária.

A mesma ambivalência que facilitou a repressão (tendência erótica X tendência sádica), facilita também o retorno do reprimido. A tendência sádica provocou a repressão de ambas; a tendência erótica provoca o retorno de ambas. A carga inconsciente volta transformada em angústia social, escrúpulos e acusações e a representação é substituída, por deslocamento, por uma outra que, geralmente, se liga a elementos afetivamente insignificantes.

Esse retorno do reprimido faz entrar em atividade o mecanismo da fuga por meio de precauções e proibições (fobias) e assim se prolonga, indefinidamente, como na histeria de angústia, o trabalho da repressão.

Assim, a jovem professora, mencionada por A. Freud, apresentaria uma neurose obsessiva se desenvolvesse por sua mãe uma ternura e cuidados excessivos, como formação reativa contra seu ódio a ela dirigido, se adotasse um código moral exageradamente restrito para vigiar seus impulsos sexuais, e, finalmente, estabelecesse cerimoniais e medidas de precaução que protegessem sua mãe do retorno de seus impulsos agressivos.

### C A P Í T U L O   I I I

#### Repressão e Mecanismo de Defesa

Num apêndice ao seu trabalho de 1925, "Inhibición, Síntoma y Angustia"<sup>20</sup>, encontramos a seguinte afirmação de Freud:

"Creemos ha de sernos ahora muy ventajoso adoptar de nuevo nuestro dicho antiguo concepto de la defensa, empleándolo como designación general de todas las técnicas de que el yo se sirve en sus conflictos, eventualmente conducentes a la neurosis, y reservando el nombre de / represión para uno solo de estos métodos de defensa que la orientación de nuestras investigaciones nos dio primero a conocer" (I, 1249)

Freud, no entanto, como bem salientam Laplanche e Pontalis em seu "Vocabulário da Psicanálise"<sup>27</sup>, nunca chegou à identificação total entre os termos "defesa" e "repressão", como se esta fosse o único método de defesa / conhecido. O que aconteceu foi que até 1900, os dois termos eram usados com igual frequência, para que depois o primeiro se tornasse menos frequente.

Devemos lembrar, novamente, que Freud começou suas investigações pelo estudo da histeria, em que a repressão é o mecanismo de defesa fundamental mas que, já em seus primeiros artigos, fala em mecanismos tais como a con

versão e o deslocamento para caracterizar os diferentes tipos de psiconeuroses.

Além disso, acentuam também Laplanche e Pontalis é através da repressão que o inconsciente se constitui como uma instância psíquica relativamente independente / pois sua essência consiste, como vimos, em impedir o acesso à consciência ou dela repelir determinadas idéias, que, a partir daí passam a atrair para si outras idéias, formando verdadeiros grupos psíquicos. Na medida em que toda doença mental implica num inconsciente separado, implica também, ao menos subjacentemente, na existência de processos repressores.

A repressão é, isto sim, considerada por Freud como o protótipo dos outros mecanismos de defesa, como um mecanismo que pode ser especialmente eficaz, como mostra A. Freud em seu livro "El Yo y los Mecanismos de Defensa"<sup>4</sup>.

Com base, principalmente, no que Freud expõe / em "Inhibición, Sintona Y Angustia"<sup>20</sup>, acreditamos poder resumir em sete afirmações básicas seu conceito de "repressão" enquanto um dos mecanismos de defesa, característico da histeria de conversão. Estas seriam:

- 1) A repressão é uma defesa do Ego contra o Id, em obediência ao Super-Ego.

Orientando toda a vida psíquica no sentido do prazer (o princípio do prazer nunca é totalmente substituído pelo da realidade), o Ego impede uma satisfação instintiva do Id, que se transformou em desprazer.

- 2) A repressão se baseia numa fixação e envolve uma sequência de três fases.

Vinos, no capítulo inicial, que o que torna / possível a repressão propriamente dita (repressão posterior ou segunda fase da repressão) é a existência de um núcleo de atração inconsciente que não é senão a representação ideativa primitivamente reprimida, cujo instinto permanece fixado no nível evolutivo em que se encontrava nessa ocasião. Vinos, também, que a segunda fase consiste na repressão das ramificações psíquicas dessa representação ou de produtos psíquicos independentes nas que com ela estabeleceram alguma relação, sendo que a terceira ou última fase é a do retorno do reprimido e, portanto, do fracasso da repressão e da produção de sintomas.

- 3) A repressão geralmente fracassa porque o Ego se torna / débil ao se separar do Id.

Sabemos que só gradualmente as instâncias psíquicas se separam umas das outras e que a grande fonte de energia é o Id.

Ora, com a repressão, o Ego renuncia ao domínio não só da representação do instinto mas também da própria pulsão, que permanece unida a ela e, como já dissemos, essas representações não ficam inóveis, mas exercem um / grande poder de atração, ao mesmo tempo em que a pulsão / continua aspirando uma derivação. Assim sendo, a repressão fracassa, paradoxalmente, pelo mesmo motivo que a torna / possível, ou seja, a fixação do instinto, anteriormente /



nencionada.

O sintoma é o próprio sinal do fracasso da repressão, na medida em que representa um produto substituto da satisfação instintiva não obtida, uma satisfação substituta, ainda que parcial e insuficiente. A luta contra o impulso instintivo, segue-se, então, a luta contra o sintoma, que consiste em incorporá-la ao Ego, fazendo com que êle lhe proporcione uma satisfação narcisista (neurose obsessiva e paranóia) e/ou proporcione uma satisfação parcial ao Super-Ego (ex: satisfazendo sua necessidade de castigo).

Todavia, se a repressão é bem sucedida, afirma A. Freud que ela rende mais em termos quantitativos do que qualquer outra técnica. Nesses casos, porém, não tomamos qualquer conhecimento da mesma.

#### 4) A repressão não é o único método de defesa

Esse ponto, que parece óbvio, é por Freud bastante acentuado.

"De todas maneiras, llegamos al conocimiento de que la represión no es el único medio de que dispone el yo para defenderse contra un impulso indeseable". (I, 1222)

"Hemos de distinguir aquí entre la "defensa" la tendencia más general - y la represión, que no es sino uno de los mecanismos que la defensa utiliza" (I, 1226).

A. Freud faz uma lista de nada menos do que 10 métodos de defesa : repressão e regressão; formação reativa; isolamento; anulação (esses 4 últimos característicos da neurose obsessiva); introjeção; projeção; retorno contra si mesmo; transformação no contrário; sublimação ou / deslocamento do objeto instintivo.

Freud, também menciona, em "Inhibición, Sintoma y Angustia" dois outros mecanismos defensivos que considera como sucessores ou variantes da repressão, e "... una prueba de que la represión propiamente dicha tropieza con dificultad" (I, 1228).

São eles a "anulação" e o "isolamento", a primeira uma defesa de natureza mágica e a última uma defesa/ em que, embora não haja amnésia, o efeito é igual ao da repressão.

É, inclusive, mais comum que a repressão apareça associada a outros métodos de defesa do que da forma isolada.

5) A repressão é uma "faca de dois gumes" : pode ser muito eficaz ou muito perigosa.

Segundo A. Freud, a repressão é uma defesa do Ego adulto, consciente, diante de uma "angústia de consciência" ou angústia frente à força do instinto. Leva a alterações no Ego e é, portanto, para ela, em si mesma, patológica.

Tal não é no entanto, a concepção de Freud, / pois, como vimos, a repressão é não só compatível com a saúde mental, como indispensável à diferenciação das instân-

cias mentais entre si, um processo essencial à vida em sociedade.

Mas A. Freud reconhece que, se a repressão tem sucesso duradouro, ela leva uma vantagem sobre os demais / mecanismos de defesa: o conflito desaparece da esfera de a tividade do Ego. Assim é que afirma<sup>4</sup>:

"Dicho en términos cuantitativos, rinde más que las otras técnicas defensivas, pues es capaz de dominar inclusive fuertes impulsos instintivos frente a los cuales resultan in potentes los métodos restantes ..." (59).

A formação de idéias substitutas ou sintonas é apenas a parte acessível à consciência do processo defensivo da repressão. Ele implica também em outras modificações no Id (desaparecimento de idéias intoleráveis para o Ego), análogos à fuga diante dos estímulos externos.

Embora a repressão não destrua o conteúdo do / impulso instintivo nas, simplesmente, suprime seu caráter / afetivo, pode ter consequências perigosas, na medida em que torna o Ego incomunicável com o Id e totalmente aberto às influências do Super-Ego. Por isso, o Ego se sente culpado (por influência do Super-Ego) mas não sabe porque / (pois as idéias estão inconscientes).

O conflito Id x Super-Ego pode se estender a todas as atividades do Ego, chegando à sua total inibição. O que acontece, é que se torna muito grande o consumo de energia necessária para manter as contra-cátedras, destinadas a **garantir** a repressão.

Vemos, assim, portanto, duas consequências bastante perigosas: a possibilidade de se desenvolver uma neurose, provocada pela dissociação do Ego, decorrente da subtração à consciência de porções da vida afetiva e instintiva, e a possibilidade de uma paralização completa do Ego, em consequência do desgaste de energia, acima mencionado.

6) A repressão parece ser uma defesa ligada à fase fálica / ou organização genital da libido.

"De todos modos, señalaremos como materia de ulteriores reflexiones la posibilidad de que la represión sea un proceso especialmente relacionado con la organización genital de la libido..." (I, 1231).

Isto porque é a angústia de castração o que se poderia chamar o "motor" do processo repressivo. O que faz com que a satisfação instintiva, originalmente prazerosa, se torne desprazerosa e seja, portanto, reprimida, é a ameaça de castração que traz consigo.

A angústia de castração é neurótica na medida em que possui um conteúdo inconsciente e não porque não possui um conteúdo. A angústia é o aviso de uma situação perigosa.

Por outro lado, a prática mostra que a repressão surge, frequentemente, antes da fase fálica, como encontrou Freud em casos de neurose infantil precoce, por ele tratados.

A repressão pode surgir em situações de angústia intencional - por reativação de uma situação de perigo para o Ego, ou seja, de ameaça de perda do amor do Super-Ego. Essa ameaça é oriunda da ameaça de perda do objeto-mãe, que, por sua vez, é oriunda, por um processo de deslocamento, do perigo de uma situação econômica: o súbito / aumento da tensão da necessidade, na ocasião do nascimento

A repressão pode surgir, também, em situações de angústia automaticamente desenvolvida - situações análogas ao trauma do nascimento, ou seja, em que há esse aumento da tensão da necessidade.

- 7) O Ego, em geral, não consegue mais se libertar da repressão, quando o tenta, posteriormente

Quanto a esse aspecto, Freud reconhece sua escassez de conhecimentos e afirma apenas que se deve provavelmente a razões quantitativas.

As repressões só podem ser vencidas no decorrer de uma psicanálise, sendo que o exame das mesmas é a primeira tarefa a ser realizada pelo paciente, com a ajuda do psicanalista.

## CAPÍTULO IV

### A Negação e o Levantamento da Repressão

Dissemos que o Ego, geralmente, não consegue/nais se libertar da repressão, mas dissemos também que nos sonhos, atos falhos e casuais, nas associações livres e nos sintomas neuróticos, ocorre um levantamento passageiro da repressão e que o mesmo é permitido porque tais fenômenos, embora ligados às idéias reprimidas, ligam-se também/às idéias repressoras, constituindo-se em produtos transacionais, ou seja, não revelando senão indiretamente seu /conteúdo inconsciente, possuindo, enfim, um conteúdo manifesto e outro latente.

Existe, no entanto, uma outra situação, em que ocorre também o levantamento da repressão, sen que para /tanto seja necessária a formação de produtos transacionais. Trata-se do fenômeno que Freud chamou de "Verneinung" e que foi traduzido pelo termo "negação".

21 Dedicou-lhe um artigo especial: "la Negación"/, en que, numa explicação metapsicológica, estabeleceu, segundo Laplanche e Pontalis<sup>27</sup>, três afirmações consistentes:

- 1) "a negação é um meio de tomar consciência do reprimido";
- 2) "... o que é suprimido é apenas uma das consequências/ do processo de repressão, isto é, - o fato do conteúdo representativo não atingir a consciência. Daí resulta/

uma espécie de admissão intelectual do reprimido, enquanto persiste o essencial da repressão";

- 3) " por meio do símbolo da negação, o pensamento liberta-se das limitações da repressão..."

Em outras palavras, por meio da negação, o reprimido, e não formações substitutas, penetra diretamente na consciência. Mas o afeto que estivera, originalmente, ligado à idéia reprimida, êste não aparece na negação e assim pode-se dizer que persiste o essencial da repressão. Finalmente, o que permite essa conscientização do pensamento reprimido, ainda que desprovido do afeto correspondente, o que permite essa admissão intelectual do reprimido, é a criação do símbolo da negação.

Enquanto mecanismo não defensivo (afirmação .. nº 3), a negação é o resultado de um juízo. Podemos negar uma qualidade a alguma coisa (juízo atributivo) ou podemos negar a existência de uma representação na realidade / (juízo existencial). A negação é, também, paradoxalmente, aquilo que torna o juízo possível. É a criação do símbolo "não" que permite a separação entre a função intelectual e o processo afetivo e, portanto, a realização de uma função exclusivamente intelectual.

Do ponto de vista defensivo, pode-se dizer que a negação é uma defesa diante do fracasso de uma outra defesa anterior: a repressão. O fracasso da repressão permite à representação reprimida penetrar na consciência e o Ego apela, então, para o não reconhecimento de que tal representação lhe pertence.

A representação se torna consciente mas o sujeito não a vivencia como sua. Não há catarse e, portanto,

a repressão não é vencida. Todo o processo transcorre num plano puramente intelectual.

No artigo "La Negación"<sup>21</sup>, anteriormente mencionado, encontramos a seguinte afirmação de Freud: "La prueba más rotunda de que un análisis ha llegado al descubrimiento de lo inconsciente es que el analizado reaccione al mismo con las palabras: En eso no he pensado jamás". (II, 1044).

Assim, a negação quando aparece numa psicanálise é sinal de que o médico tem agora meios de levar o doente a dar o seu primeiro passo, ou seja, ela facilita ao médico sua tarefa de levar o doente ao exame das repressões.

A negação pode auxiliar, igualmente, num psicodiagnóstico, uma vez que pode ser advertida na utilização de técnicas projetivas. Bohn<sup>2</sup>, por exemplo, a encontrou no Psicodiagnóstico de Rorschach, incluindo em sua lista de fenômenos especiais o fenômeno da "negación". Segundo esse autor, trata-se de "una respuesta de complejo con la represión casi anulada" (174), considerando como respostas de complexo aquelas que revelam algo da dinâmica inconsciente de quem as produz.



## C A P Í T U L O V

### Repressão e Recusa

Ao fenômeno de negação (*Verneinung*), associa-se, principalmente, por erro de tradução de sua obra, um outro fenômeno, que Freud chamou de "*Verleugnung*" e que, na verdade, está bem mais próximo da repressão do que da negação.

"*Verleugnung*" recebeu a mesma tradução que "*Verneinung*", ou seja, foi também traduzido por "negação". Na versão portuguesa do dicionário de Laplanche e Pontalis<sup>27</sup>, encontramos a tradução de "recusa" para "*Verleugnung*", de forma que o termo "negação" pudesse se restringir apenas a "*Verneinung*". Sugerimos que se mantenha tal distinção.

"*Verleugnung*" ou "recusa" aparece pela primeira vez no trabalho de Freud intitulado "*La Organización Genital Infantil*"<sup>13</sup>, no sentido de não conscientização de uma percepção que seria dolorosa para o Ego.

Afirma ele que o menino "recusa" a percepção da não existência do órgão genital masculino na menina e dá a entender que ele o faz porque, aceitar tal percepção, viria apenas reforçar o medo de castração, fato e ontogeneticamente determinado. Não discutiremos, aqui, a validade ou não dessa afirmação porque buscamos apenas compreender a lógica interna do processo de recusa.

O Ego se afasta, portanto, da influência da realidade, que, normalmente, se produz através das percep-

ções, atuais ou remotas, sendo que os engranagens mnêmicos / destas últimas constituem o que chama o "mundo interno" do sujeito, pertencente a seu Ego.

Um ano depois, em outro de seus trabalhos, "Neurosis y Psicosis"<sup>19</sup>, Freud relaciona este mecanismo (não conscientização de uma percepção) com a psicose.

"La neurosis seria el resultado de un conflicto entre el Yo y su Ello, y, en cambio, la psicosis, el desenlace análogo de tal perturbación de las relaciones entre el Yo y el mundo exterior" (II, 407).

Ou, mais explicitamente, em "La pérdida de Realidad en la Neurosis y en la Psicosis"<sup>18</sup>:

"... uno de los caracteres diferenciados entre la neurosis y la psicosis el hecho de que en la primera reprime el yo, obediente a las exigencias de la realidad, una parte del Ello (de la vida instintiva), mientras que en la psicosis del mismo Yo, dependiente ahora del Ello, se retrae de una parte de la realidad". (II, 412)

Vemos, então, que Freud praticamente não fala na "recusa" sem fazer referência à "repressão", caracterizando, por meio desses mecanismos, a psicose e a neurose, respectivamente.

Isso não significa que toda repressão leve à neurose e que toda recusa leve à psicose. Todo processo evolutivo, como vimos, implica em repressões, mas tudo que podemos dizer é que "cada processo evolutivo trae consigo/ los gérmenes de la disposición patológica"<sup>15</sup> (II, 52). Da mesma forma, o Ego, na infância, pode recusar uma parte da realidade, substituí-la pela fantasia e manter intacta sua

capacidade de reconhecê-la e avaliá-la criticamente. Intelectualmente, a criança distingue perfeitamente realidade/ e fantasia mas, na vida afetiva, o prazer obtido pela fantasia contrária à situação desprazerosa predomina sobre / tal desprazer objetivo. Essa capacidade de coexistência pa cífica de funções egóicas opostas perde-se no decorrer do desenvolvimento do indivíduo e isso, provavelmente, pela / necessidade sempre crescente de integração do Ego. Da meni na que aplaca sua angústia pelo simples murmúrio "mamãe já volta" quando esta se afasta, surge a jovem que já não con segue manter por muito tempo a ilusão de que o noivo volta tará, sem se afastar da realidade.

Há, no entanto, uma outra situação em que é possível a coexistência do mecanismo de recusa com o reconhecimento da realidade : é o que ocorre no fetichismo.

A recusa consistiria, portanto, numa defesa / contra um conflito entre a realidade de um lado, e o Ego e o Id de outro, conflito em que o Ego opta, como solu- ção do mesmo, por afastar-se daquele aspecto do mundo ex- terior que impede a satisfação de uma tendência do Id (de se jo infantil filogeneticamente determinado).

É assim que em "Historia de una Neurosis In fantil"<sup>12</sup>, Freud mostra como o menino de 4 anos recusa a descoberta da diferença entre os sexos e do papel sexual/ da mulher, motivado pelo medo de castração, que se eviden cia no sonho em que teme ser devorado por lobos. Mantém sua crença na "teoria da cloaca", ou seja, em que o final do intestino é o lugar do relacionamento sexual, porque as- sim poderia continuar identificado com sua mãe, sem tener o pai.

Se nas repressões, por outro lado, o Id é vencido pelo Ego, já podemos apontar dois pontos de divergência entre a repressão e a recusa : 1. a natureza do conflito (Neurose : Ego x Id ; Psicose : Ego x Realidade) ; 2. o responsável pela solução do conflito (Neurose : Realidade ; Psicose : Id).

Da mesma forma que nem toda repressão leva à neurose e nem toda recusa leva à psicose, podemos dizer também que nem todo conflito entre Ego e Id leva à repressão e nem todo conflito entre Ego e realidade leva à recusa.

A luta Ego x Id pode conduzir, simplesmente à saúde, como ocorre no caso dos artistas, em que a fantasia satisfatória do instinto não se transforma em sintoma mas em criações artísticas. Essa mesma luta pode conduzir também a sublimações compensadoras, em que o instinto é satisfeito através de um objeto diferente e socialmente valorizado.

Da luta entre o Ego e a realidade podem resultar deformações ou dissociações no Ego, sem que haja o afastamento da realidade, como na recusa.

Mas mesmo quando a solução dos conflitos é a repressão ou a recusa, não se pode dizer que a vitória da realidade naquela e do Id nesta seja total. Freud levanta a hipótese de que os dois mecanismos sejam análogos, de que haja também na recusa, como na repressão, uma retirada da carga libidinal. A essência do mecanismo de recusa poderia estar, então, no fato do Ego voltar para si mesmo a carga afetiva, anteriormente dirigida ao exterior. É nessa

hipótese, como veremos depois, que Freud irá, posteriormente, se apoiar para explicar os delírios de grandeza que aparecem na paranóia.

Constatando, como dissemos, no estudo das neuroses, que as representações reprimidas eram geralmente de origem sexual, Freud pensou, inicialmente que pudesse definir o conflito neurótico como um conflito entre instintos/sexuais ou libidinais e instintos de auto-conservação ou egóicos. Observou, depois, que o processo patológico da demência precoce consistia numa transposição da libido dos objetos para o Ego, o que justamente tornava-a quase inacessível ao tratamento psicanalítico. Concluiu então que, da mesma forma que libido de objeto podia ser transformada em libido de Ego, libido de Ego poderia ser transformada / em libido de objeto, consistindo o Ego, na verdade, num / grande depósito de libido. Assim sendo, seria mais correte se definíssemos o conflito neurótico como um conflito / entre libido de objeto e libido narcisista<sup>19</sup>, em que vence esta última, e a primeira é desligada de seu objeto, permanecendo livre para ligar-se a um novo objeto. Quanto às psicoses (demência precoce, paranoia e melancolia), chamou-as, então, de "perturbações narcisistas", pois, como resultado do conflito entre a libido de objeto e a realidade, o que ocorre, como vimos, é a transformação da libido de / objeto em libido narcisista, satisfazendo-se o Ego apenas / consigo mesmo.

Por outro lado, somos levados a concluir que a realidade não é tão vencedora nas neuroses pois vemos, claramente, que nelas, como nas psicoses, há também o que / Freud chama de perda e substituição da realidade.

Parece-nos que, nesse aspecto a diferença entre os mecanismos neuróticos e psicóticos é, essencialmente, uma questão de momento e grau.

Enquanto a perda da realidade constitui o que poderíamos chamar de primeiro momento da psicose, ela só ocorre no último momento de estruturação da neurose.

Dá-se, inicialmente, como vimos, a repressão / do instinto do Id. Em busca de satisfação, o instinto volta ao consciente sob a forma de sintoma. A satisfação que êle obtém é, porém, insuficiente, parcial e o sintoma persiste. Surge, então, a angústia porque o Ego se sente anegado pelo sintoma (o sintoma lhe é algo estranho e, como / já dissemos também, o Ego necessita de unidade). Em consequência é levado ao desprezo pela realidade desagradável.

Em "Neuropsicosis de Defesa"<sup>5</sup>, Freud menciona o caso de uma moça apaixonada que começa a sofrer desilusões, das quais se defende, inicialmente, pela conversão / histérica, conseguindo manter a crença de que o jovem voltará e a pedirá em casamento. Existe já aqui, um certo desprezo pela realidade da não correspondência amorosa do mesmo. Entretanto, tivesse a conversão utilizado toda a carga afetiva retirada pela repressão à representação instintiva do Id e essa moça não necessitaria caminhar mais longe em sua doença, chegando à "loucura alucinatoria", à verdadeira perda psicótica da realidade, através do mecanismo de "recusa". A angústia desaparece e ela se sente feliz, alucinando que o jovem está sempre a seu lado e não a abandona um instante.

As fobias ou medidas de precaução e proteção / são também, como veremos, exemplos do que constitui a per-

da da realidade nas neuroses, na medida em que consistem / em evitar, em número sempre crescente, as situações externas geradoras de angústia.

Intimamente ligada à perda da realidade está a substituição da mesma que é, na verdade, uma tentativa da compensação de tal perda, uma espécie de retorno do recusado. "El delirio, en el qual vemos el producto de la enfermedad, es en realidad la tentativa de curación, la reconstrucción"<sup>11</sup> (II, 688). Sua ocorrência pode também ser observada nas neuroses e aqui poderíamos falar de uma diferença de grau entre neurose e psicose. Enquanto, na psicose, o sujeito utiliza apenas fragmentos da realidade anterior ao lado de fantasias abundantes, a criação neurótica/ de uma nova realidade é apenas um acréscimo de fantasias à realidade.

Um belo exemplo de substituição de realidade / nos oferece o caso de Schreber, descrito por Freud em "Un Caso de Paranoíia"<sup>11</sup>. A perda da realidade é evidenciada/ num delírio do fim do mundo, em que só êle subsistia. Com a volta à vida social, observou que nem pelos livros, nem pelos objetos podia comprovar que havia passado um grande / período de tempo e a nova realidade é então aquela que apresenta "una profunda modificación interior" (II, 688), segundo suas próprias palavras.

São, portanto, análogos no que diz respeito ao contato com a realidade os mecanismos de repressão e recusa.

Do ponto de vista exclusivamente interno, o que diz Freud sobre os mesmos? Inicialmente, êle os distan -

cia, ao estudar o fenômeno do fetichismo <sup>6,22</sup>. Estabelece que no mecanismo neurótico subsistiriam, paralelamente, / duas correntes contrárias da vida psíquica: aquela (primária) que se submete à realidade (que domina o Ego) e a (secundária) que se submete ao desejo (Id), incompatível com tal realidade. No mecanismo psicótico, por outro lado, existiria apenas a corrente que recusa ou se afasta da realidade.

Posteriormente, entretanto, Freud reformula / sua concepção, ao observar em todo sujeito psicótico uma parte que funciona como um espectador de sua doença e que corresponderia, por assim dizer, à parte sã de sua personalidade. Concluiu que tal fenômeno nada é além da corrente ou atitude psíquica que considera a realidade em oposição àquela que a despreza.

Freud já se aproximara dessa conclusão (a existência de duas correntes psíquicas contrárias também nas / psicoses) quando indagara se a angústia, nas psicoses, não representaria uma tentativa de se impor por parte da realidade recusada. Este retorno do recusado explica a existência de alucinações desprazerosas, as quais permaneciam inexplicáveis, concebendo-se a alucinação, necessariamente, como uma satisfação de desejo. Não que a existência de angústia fôsse já, por si suficiente para derrubar tal hipótese da satisfação de desejo. As alucinações nem sempre são satisfações de desejo, mas os sonhos sempre o são e há sonhos de angústia, pesadelos. Devenos lembrar, aqui, que a angústia é uma das reações defensivas do Ego, e que, se ela surge, portanto, pode ser um sinal, um aviso de que um



desejo reprimido busca ser satisfeito.

Somente agora, porém, afirma explicitamente: /  
 "Sea lo que sea lo que el yo haga en sus esfuerzos defensi-  
 vos, tanto si intenta negar una porción del mundo exterior  
 como si busca rechazar una exigência instintiva del mundo/  
 interno, su éxito nunca es completo. Como resultado se en-  
 cuentran siempre dos actitudes contrarias, de las cuales /  
 la derrotada, la más débil, lo mismo que la otra, lleva a  
 complicaciones psíquicas".<sup>24</sup> (III, 1060).

Talvez, nas psicoses, esse fenômeno não seja /  
 tão evidente pela existência de uma corrente mais primiti-  
 va, uma defesa primária, consistindo, simplesmente, numa /  
 rejeição radical da realidade. Em "Historia de una Neuro-  
 sis Infantil"<sup>12</sup>, podemos ler:

"... y al final coexistían en él dos corrien-  
 tes antitéticas, una de las cuales rechazaba la castración,  
 en tanto que la otra estaba dispuesta a admitirla, conso-  
 lándose con la feminidad como compensación.

Y también la tercera, la más antigua y profun-  
 da, que se había limitado a rechazar la castración sin emi-  
 tir juicio alguno sobre su realidad, podía ser activada to-  
 davia". (II, 732).

Tal fenômeno ele denomina de cisão do Ego e pa-  
 ra exemplificá-lo recorre à conduta fetichista. O feti-  
 chista tem uma atitude dupla frente à castração feminina /  
 e, às vezes, o próprio fetiche é símbolo tanto da aceita-  
 ção quanto da negação desta castração, é símbolo da persis-  
 tência, sem se influírem, dessas duas correntes. A constru-  
 ção do fetiche é um processo de "formação de compromisso "

através de deslocamento.

Também em "Historia de una Neurosis Infantil.. 12", salienta ele que embora o menino recuse a descoberta da diferença entre os sexos, ela não se mantém ineficaz, o que pode ser observado na repressão do processo onírico para impedir toda elaboração consciente ulterior. As fantasias sexuais, baseadas nessa descoberta, são manifestadas, de forma regressiva, em perturbações intestinais. As diarreias e dores abdominais indicam que a atitude feminina em relação ao homem foi reprimida mas continuou em atividade.

Freud deduz, que a diferença entre neurose e psicose é apenas topográfica, estrutural, já que em ambas há retração de carga libidinal, em ambas há perda e substituição da realidade e em ambas há cisão no Ego. Paralelamente, a diferença entre recusa e repressão seria também, simplesmente, topográfica, ou seja, dependeria da localização do conflito inicial.

Cabe lembrar, finalmente, como fizeram Laplanche e Pontalis<sup>27</sup> que, em relação à negação, pode-se dizer que a recusa é mais forte e mais abrangente. Negamos apenas uma afirmação mas a recusa não se restringe, como a negação, ao plano intelectual, diz respeito ao contato com a realidade e pode envolver ações.

No "Manual del Psicodiagnóstico de Rorschach"<sup>2</sup> de E. Bohn, a recusa aparece sob o título de "disimulo", fenômeno em que uma resposta como "algo ligero, vaporoso, que baila" esconde, na verdade, um choque à tonalidade escura da lâmina. Bohn advertiu a incompatibilidade de tal mecanismo defensivo com um Ego intacto, atribuindo-lhe o valor de "un signo de la debilidad del Yo". (173).

## C A P I T U L O V I

### Metapsicologia da Repressão

Relacionamos, brevemente, no capítulo I, o fenômeno da repressão e os três sistemas neurônicos, em que Freud divide, inicialmente, o aparelho psíquico, numa tentativa de encontrar suas bases metapsicológicas.

Voltemos à teoria dos neurônios. O aparelho / psíquico compreenderia, então, os sistemas  $\Psi$ ,  $\Psi'$  e  $\omega$  e a repressão propriamente dita ou em sentido restrito consistiria em impedir que uma determinada lembrança em  $\Psi'$  fôsse investida de energia, quando os neurônios do sistema

$\omega$  acusassem desprazer em consequência do aumento gradativo do nível de quantidade no sistema  $\Psi$ , aumento este que é provocado pela ativação dos neurônios secretores / de produtos químicos - excitação endógena - chamados / "neurônios-chaves". Os neurônios do sistema  $\Psi$ , portanto, não tomam parte neste processo.

Três perguntas:

- 1) O que ativa os neurônios-chaves?
- 2) Porque o aumento do nível de quantidade em  $\Psi$  é sentido do como desprazer em  $\omega$  ?
- 3) Como se processa a decatectização de uma lembrança?

Os neurônios  $\Psi$ , como dissemos, estão em / contato com o mundo externo e nesse sentido é que foram / chamados de neurônios da percepção; os neurônios  $\Psi'$  são os neurônios da memória e os neurônios  $\omega$  são os verdadeiros neurônios da percepção, dando a percepção da quali-

dade, do prazer e do desprazer.

$\Psi$  e  $\omega$  tendem a descarregar toda e qual -  
quer energia que nêles penetre, não a acumulam, embora os  
neurônios  $\omega$  necessitem estar carregados para receber  
a frequência da excitação. Esta carga vem de  $\Psi$ . A des-  
carga imediata de toda e qualquer excitação é a chamada /  
"função neurônica primária".

Em contato com o mundo externo através dos ór-  
gãos sensoriais e do aparelho motor,  $\Psi$  receberia tô-  
das as quantidades de energia exógena, se não fôsse prote-  
gido por células terminais, que funcionam como telas ou /  
peneiras. Estas fazem com que  $\Psi$  só lide com as quantida-  
des médias de energia, enquanto  $\omega$  lida com quantidades/  
muito pequenas.

$\Psi$  transmite quantidade, que  $\omega$  trans -  
forma em qualidade. A qualidade de uma excitação é dada  
por sua frequência que faz com atinja um órgão sensorial /  
específico e não outro qualquer, seguindo, então, uma via  
de condução até os neurônios  $\omega$ . Segundo Freud, só o fa-  
to dos neurônios possuírem um elemento específico para re-  
ceber excitação (dendritos) e outro para descarregá-lo (axô-  
nio) revela a pré-determinação do caminho percorrido pela/  
excitação.

$\Psi$ , ao contrário dos demais sistemas não /  
tende à descarga de toda e qualquer excitação que nêle pe-  
netre. Até um certo linhar,  $\Psi$  acumula a quantidade de  
energia vinda das células somáticas. A partir dêsse lini-  
ar,  $\Psi$  transmite quantidade de energia, mas não transmi-  
te diferenças de frequência, ou seja, não transmite a qua-  
lidade. A frequência do movimento neurônico em  $\omega$  é no-

nótona.

Essa energia ou libido acumulada ou ligada é chamada de "catexe" e tende a ser mantida dentro de tal liniar ou nível "ótimo". Está, no entanto, sujeito a "deslocamento de equilíbrio", o que quer dizer que êsse nível/"ótimo" não é, constantemente, mantido num valor mínimo / mas, periodicamente, a êle restaurado. O sistema "tolera" determinados distanciamientos dêsse nível, que correspondem aos estados de tensão libidinal ou de necessidade. A força restauradora é o impulso instintivo, a tendência à satisfação das necessidades, é a "conduta apetitiva", / enfim. Mas só o "ato consumatório" ou a satisfação da necessidade é que restabelece o equilíbrio do sistema. Essa forma de equilíbrio é chamada de "estado estacionário", na medida em que não se pode falar numa ausência de velocidade e de forças, que implicaria na ausência de instintos, como no "verdadeiro equilíbrio", mas apenas numa espécie / de anulação de forças pela realização de transformações acasalhadas (tensão + descarga).

Freud, posteriormente, divide o sistema  $\Psi$  em  $\Psi$  pallium e  $\Psi$  nuclear, para diferenciar os neurônios / que recebem primeiro a excitação exógena ou endógena.

Os neurônios do  $\Psi$  nuclear realizam a "função neurônica secundária". Os neurônios do  $\Psi$  pallium / realizam o "processo psíquico primário" (conduta apetitiva), a "defesa primária" (repressão) e também, mais tarde, o "processo secundário".

A função neurônica secundária consiste na realização de reflexos adequados, visando a descarga de qual

quer acréscimo de excitação em  $\Psi$  nuclear e, conseqüentemente, em  $\Psi$  pallium.

Esse acréscimo é oriundo de fontes endógenas e essa função é obediência ao "princípio da constância", já mencionado, segundo o qual o sistema neurônico  $\Psi$  tende/ a manter constante um nível "ótimo" de catexe.

O processo psíquico primário consiste no impulso para restabelecer a percepção de um objeto, quando um acréscimo da excitação endógena nos neurônios nucleares / provoca um aumento da catexe no  $\Psi$  pallium, evocando a imagem de tal objeto e, juntamente com ela evocando também, por facilitação, a associação estabelecida entre tal imagem do objeto, a imagem de movimentos reflexos e um determinado estado de satisfação.

Em  $\Psi$ , portanto, ficam as imagens mnêmicas / (dos objetos e dos reflexos) porque em  $\Psi$  existe catexe/ ou libido acumulada. As imagens em  $\Psi$  podem, portanto, ser recatectizadas a qualquer momento. Daí se origina a / defesa primária. Ela é definida como o impulso para repe- lir a percepção de um objeto, ou seja, decatectizar sua imagem mnêmica, quando a mesma é recatectizada, perceptualmente (exogenamente) ou associativamente (endogenamente)./ Mesmo quando a recatectização é perceptual ou exógena, os neurônios-chaves são ativados, por facilitação, e é a ener- gia por eles liberada que atinge os neurônios  $\omega$ , pro- vocando um afeto desagradável.

Respondendo à primeira pergunta, diríamos que os neurônios-chaves são ativados pela excitação oriunda de uma percepção ou de uma associação, mas que é, precisamen-

te, êsse segundo tipo de ativação o que levanta as resistências que aparecem no decorrer de uma psicanálise.

Quanto à segunda pergunta, parece-nos que, já foi, de certa forma, respondida. O aumento do nível de / quantidade em  $\Psi$  é sentido como desprazer em  $\omega$ , porque provoca um afastamento do equilíbrio e porque existem / instintos ou tendências à manutenção de um estado inicial.

Finalmente, para responder à terceira pergunta, para esclarecer como se processa a decatectização de uma lembrança, é preciso recorrer ao conceito de "Ego", instância que se forma em  $\Psi$  e que foi comparado a um grande depósito de libido ou, melhor dizendo, de catexe. O que permite êsse acúmulo de energia no Ego é a existência em  $\Psi$  de barreiras de contato. Essas barreiras possuem, no entanto, um limiar de resistência. Êsse limiar corresponde / ao nível "ótimo" ou constante de energia, anteriormente / mencionado. Quando a excitação ultrapassa êsse limiar, as barreiras perdem sua efetividade mas a recuperam logo após sua descarga. As excitações endógenas tem a capacidade de agir por "somação" o que significa que, isoladamente, são menores do que a constante, mas quando a ultrapassam, a transmissão de energia torna-se contínua, bem como sua descarga. Ocorre a função neurônica secundária. Daí provém, segundo Freud, a força das atividades psíquicas.

Muitas vezes, no entanto, é necessário impedir essa passagem de energia, porque foi, inicialmente, acompanhada de sofrimento, ou então adiá-la, para que possa, novamente, ser acompanhada de satisfação, na presença do objeto adequado. Muitas vezes é portanto necessário reprimir,

impedir a recatectização de uma imagem presente em  
Essas são funções do Ego e, para ajudá-lo,  $\omega$  lhe transmi-  
te os índices de qualidade ou realidade.  $\omega$  é a "função /  
de realidade" do Ego.

O Ego coloca uma espécie de barreira à passa-  
gem de energia. Esse bloqueio foi, inicialmente, explica-  
do, em termos de catexes laterais. Catectizações laterais/  
feitas pelo Ego dispersariam a energia, que, então, não se-  
ria bastante intensa para seguir seu caminho até a apare-  
lho motor. Posteriormente, Freud reformulou sua concepção,  
explicando tal bloqueio em termos do que chamou "contra-ca-  
texe". Se uma determinada energia começa a ser transmiti-  
da em  $\psi$  e  $\omega$  acusa desprazer (porque foi reativada a  
imagem mnêmica do objeto hostil ou porque a percepção não  
corresponde ao objeto de desejo), o Ego envia contra-cate-  
xe, permitindo ao sujeito aguardar a presença na realidade  
do objeto de desejo (aquele que lhe forneceu satisfação) ou  
defender-se do objeto hostil, sem necessitar passar nova-  
mente pela experiência da dor física. O Ego realiza, en-  
tão, o "processo psíquico secundário".

Assim sendo, a repressão posterior ou repres-  
são propriamente dita, consiste no envio de contra-catexe/  
na direção de uma imagem mnêmica recatectizada pela quanti-  
dade de energia que conseguiu ultrapassar o linhar de re-  
sistência das barreiras de contato existente em  $\psi$ .



## C A P Í T U L O   V I I

### Alguns trabalhos experimentais sôbre a Repressão

Alguns autores dedicaram-se a fazer experimentos relacionados com o fenômeno da repressão, chegando a conclusões que, segundo B.A. Farrell<sup>3</sup>, rejeitam a proposição genética de que a amnésia infantil e pré-escolar seja resultado da repressão, tanto primária quanto da repressão propriamente dita.

Farrell refere-se aos experimentos de Dudycha e Dudycha, mostrando que a lembrança mais remota dos adolescentes e adultos se situa entre o 3º e o 5º ano de vida e que 40 de 200 memórias infantis bem autenticadas envolviam medo (algumas destas diziam respeito ao medo de punição por consciência de mau comportamento).

Refere-se também aos experimentos de Bell e Hamilton, que mostram que muitos adultos lembram com detalhes fatos infantis envolvendo sentimentos amorosos.

Na opinião de R.R. Sears<sup>29</sup>, para que se pudesse falar em amnésia infantil seria também necessária evidência de que uma resposta havia sido aprendida e o que existe, ao contrário, são provas suficientes de que o processo de memorização durante a infância é bem menos eficaz do que na infância tardia ou posteriormente.

Assim, Sears conclui que não há evidência suficiente de que haja uma amnésia infantil claramente delimitada e de que a má lembrança das experiências infantis exija outra explicação que não uma aprendizagem fraca.

Sears menciona ainda um experimento de Crook e Harden baseado na hipótese de que, se a repressão provoca uma diminuição geral nas recordações da infância, deveria haver uma correlação positiva entre a quantidade de amnésia e de neuroticismo adulto. Os resultados, no entanto, não foram bastante significativos.

Sears foi bastante perspicaz para perceber que tais estudos não-analíticos davam pouca importância às condições de rememoração, permitindo a influência de outras variáveis que não a repressão, bem como para chamar a atenção para o fato de que, quando Freud se referia a conteúdos ideativos "desprazerosos", não se referia a palavras, cheiros ou gravuras, considerados desagradáveis, por razões exclusivamente estéticas e sim a idéias ou memórias relacionadas com impulsos submetidos a forte controle social, principalmente impulsos sexuais.

No entanto, Sears, assim como Farrel e os outros autores acima mencionados, não penetrou o suficiente na teoria da repressão de Freud para compreender que ele nunca afirmou que a repressão fôsse a única explicação da amnésia infantil, ou seja, que ela fôsse utilizada de forma contínua até determinada idade. Ao contrário, Freud chegou mesmo à conclusão teórica de que a repressão seria uma defesa relativamente tardia, possivelmente ligada à organização genital da libido, como mencionamos no Capítulo II.

Igualmente, Freud deixou bem claro que a repressão não leva necessariamente à neurose, como mostramos no capítulo III, assim como a recusa não leva necessa

riamente à psicose, embora possam ser consideradas como mecanismos neurótico e psicótico, respectivamente, uma vez / que não há neurose sem repressão ou psicose sem recusa.

S. Rosenweig<sup>28</sup> preocupou-se em obter a demonstração de um ciclo repressor completo, ou seja, conseguir / provas do que chamou o destino inconsciente do instinto / (provas de que a idéia a êle associada se encontra no Inconsciente) e do destino consciente do instinto (sua nova forma de expressão, ou idéia substituta).

Para provar o destino consciente do instinto / seria necessário, segundo êle, realizar, sob condições controladas, experimentos em que o impulso conativo (que seria o impulso do Id) entrasse em conflito com o orgulho / (pertencente ao Ego). Essas experiências deveriam ser esquecidas com maior frequências do que experiências semelhantes bem sucedidas.

Realizou, em 1933, um experimento com crianças pertencentes a dois grupos de idade e observou que as crianças mais velhas eram mais orgulhosas e também mais sensíveis ao fracasso do que crianças mais jovens. Aquelas preferiam repetir os quebra-cabeças em que haviam fracassado / (o que interpretou como uma luta por uma auto-reinvidicação) e tendiam a se lembrar mais dos seus sucessos do que dos seus fracassos. Com as crianças mais moças ocorria, exatamente, o contrário: preferiam repetir as tarefas em / que haviam obtido sucesso e se lembravam melhor dos fracassos.

Rosenzweig concluiu, assim, em concordância / com Freud, que a repressão seria um mecanismo de defesa utilizado relativamente tarde no desenvolvimento de uma cri

ança, pressupondo a substituição do princípio do prazer pelo da realidade.

Em estudo posterior, o mesmo autor observou / que, embora os sujeitos realizando tarefas apresentadas como testes de inteligência apresentassem uma tendência para lembrar mais frequentemente as tarefas completas do que as incompletas e ocorresse o inverso com os sujeitos realizando as mesmas tarefas mas de maneira informal, alguns sujeitos deste último grupo apresentavam maior evidência de repressão do que do primeiro grupo. Suspeitou da existência / de um traço de personalidade bastante forte para superar a intenção da situação-estímulo e facilitar a repressão.

Levantou, depois, a hipótese de que um tipo específico de reação subjetiva à frustração (que chamou de / reação "impunitiva", em que o sujeito não culparia nem o mundo externo nem a si mesmo, na ocasião de um fracasso) pudesse estar sistematicamente correlacionado com a repressão enquanto mecanismo de defesa preferencial. A mesma hipótese foi levantada em relação à hipnotizabilidade, ou seja, que ela, também, enquanto traço de personalidade, pudesse estar relacionada à repressão. Combinou as duas numa só hipótese triádica (de que haveria uma correlação entre / a repressão, a hipnotizabilidade e a reação impunitiva à frustração), baseado em experimentos que, numa análise / grosseira, parecem confirmar tais hipóteses.

Suas hipóteses, de certa forma, apoiam a concepção de Freud, posterior a 1926, de que a repressão é / mecanismo de defesa típico da histeria, uma vez que a hipnotizabilidade também se associa a esta psicose.

Rosenzweig, todavia, se indagou, de forma bastante ingênua, se o fato das crianças esquecerem as tarefas em que haviam fracassado, quando estas lhe eram apresentadas como testes de inteligência, não poderia ser devido a uma dissociação da consciência provocada por uma excitação intensa e não propriamente um resultado da repressão, como se a repressão não implicasse numa dissociação da consciência, ou melhor, como se a constatação desta dissociação não estivesse nas origens da teoria freudiana da repressão.

Quanto ao destino inconsciente do impulso, achava o mesmo autor que confirmá-lo seria encontrar que a rememoração das situações de fracasso, embora menos frequente do que a dos sucessos, deveria ser mais vivida, indicando a persistência inconsciente ou disposicional daquelas. Tal foi o resultado por êle obtido, utilizando-se de "quebra-cabeças" e da resposta galvânica da pele como sinal de vivacidade da lembrança.

Rosenzweig concluiu, também, que se a rememoração é melhor em relação à necessidade aberta representada pela tarefa incompleta do que em relação à necessidade fechada, ao passo que o mesmo não ocorre em relação à necessidade aberta representada pela resposta reprimida, parece razoável supor que o que faz com que a tensão não descarregada seja reprimida são motivos como o orgulho ou semelhantes.

Aqui, novamente, Rosenzweig vem em apóio a Freud, para quem o conflito básico nas neuroses, cuja solução implicaria na utilização do mecanismo da repressão, se

ria um conflito entre o Ego e o Id, sabendo-se que a libido do Ego é também chamada de libido narcisista.

Finalmente, um experimento bem mais recente - foi o realizado por Byrne, citado em Tempone <sup>30</sup>, em 1961, que conceituou a repressão - sensitização como um modo característico em que os indivíduos respondem aos estímulos/ameaçadores, como um contínuo que vai do extremo da evitação (repressão) ao extremo da aproximação (sensitização).

A utilização do termo "sensitizadores" num sentido, de certa forma, oposto ao "repressores" não nos / parece muito adequada, uma vez que, como vimos, a repressão consiste, justamente, numa defesa contra um acréscimo/ desprazeroso de excitação.

Byrne confirmou as três hipóteses seguintes, / por êle levantadas:

- 1) Submetidos a uma condição de fracasso, os repressores teriam limites muito mais altos para os estímulos críticos (ou a êles associados) do que os sensitizadores;
- 2) Sob uma condição de sucesso, os limites dos sensitizadores e repressores aos estímulos críticos não diferiria significativamente;
- 3) Em relação aos estímulos neutros, os limites dos sensitizadores e repressores também não diferiria significativamente;

Foi, portanto, mais uma vez apoiada a hipótese de que a repressão deve estar ligada a traços específicos/

de personalidade. Byrne pensou na capacidade de verbalizar auto-descrições negativas, ou seja, de admitir externamente as próprias faltas.

Baseados nestes experimentos que revelam um / não-conhecimento adequado dos conceitos psicanalíticos, autores como E.R.Hilgard<sup>26</sup>, chegam à conclusão de que a psicanálise não se presta a um teste sistematizado, enquanto outros, caindo no extremo oposto, concluem, que a psicanálise é uma ciência tão inovadora que supera os métodos científicos usuais.

Esforcemo-nos para não cair num extremo nem no outro e, finalizando, só nos cabe desejar, parafraseando / Farrel<sup>3</sup>, mais e melhores estudos de observação sôbre crianças, individualmente e em diferentes comunidades; estudos / sôbre a formação da personalidade; estudos experimentais e de observação com a técnica de associação livre e tentativas de verificar proposições específicas sôbre a teoria / psicanalítica das neuroses, em vez de se estabelecer analogias experimentais.

## C O N C L U S Ã O

Acreditamos poder, agora, estabelecer algumas/ conclusões relativas ao conceito freudiano de "repressão". Estas seriam:

- 1) O termo "repressão", na obra de Freud, corresponde a / um construto hipotético, elaborado para explicar o fenômeno empírico da "resistência" ao método terapêutico psicanalítico.
- 2) "Repressão", enquanto sinônimo de "defesa" (até 1925), pode ser definida como um mecanismo que consiste em repelir para o Inconsciente determinadas representações/ ideativas, ligadas, geralmente, a impulsos sexuais, retirando-lhes sua carga afetiva (ou magnitude de excitação), que se transforma em angústia, na histeria de angústia, em inervações somáticas, na histeria de conversão ou se liga a outras representações, na neurose ob-  
sessiva.
- 3) Os sintomas da "repressão" ou "defesa primária" podem/ ou não corresponder à formação de idéias substitutas / (ou sintomas de retorno do reprimido), e/ou aos sintomas da defesa secundária (ou defesa contra as forma-  
ções substitutas). Igualmente, pode ocorrer ou não a correspondência entre a formação de idéias substitutas e os sintomas da defesa secundária.



- 4) A repressão, enquanto um mecanismo de defesa específica, é típica da histeria de conversão.
- 5) As principais características da repressão são:
  - a) a repressão constitui uma defesa do Ego contra o Id, em obediência ao Super-Ego.
  - b) a repressão implica numa sequência de 3 fases: fixação de um instinto ou parte d'êles num estado libidinal infantil, o que significa dizer que a representação ideativa do mesmo não tem acesso à consciência; repressão posterior ou repressão propriamente dita, que significa repelir para o Inconsciente as ramificações psíquicas da representação do instinto fixado; formação de produtos transacionais ou substitutos, que significa o retorno do reprimido à / consciência, sob uma nova forma;
  - c) a repressão pode ser considerada como uma "faca de dois gumes", compatível com a saúde mental e, ao / mesmo tempo, facilitadora de neurose.
- 6) A criação do símbolo da "negação" (Verneinung) permite o levantamento da repressão, fenômeno que transcorre num plano puramente intelectual pois se a ideia reprimida pode ter acesso à consciência, não / reaparece, no entanto, o afeto a ela, anteriormente, ligado.
- 7) Considerando a repressão e recusa como mecanismos / neurótico e psicótico, respectivamente, podemos estabelecer entre êles as seguintes analogias e diferenças:

- a) tanto a repressão quanto a recusa são resultados de um conflito que a elas não leva necessariamente; pode-se, no entanto, dizer que, no conflito subjacente à repressão, o Ego age contra o Id, em obediência à Realidade, enquanto que, na recusa, o Ego age contra a Realidade, em obediência ao Id;
  - b) nem toda repressão leva à neurose e nem toda recusa à psicose. O conteúdo manifesto dos sonhos, os atos falhos e casuais são exemplos de formações substitutas de idéias reprimidas, que não implicam na existência de uma neurose. De forma semelhante, a utilização da recusa por crianças ou a que ocorre no fetichismo não implica numa perda psicótica da realidade;
  - c) tanto na repressão, quanto na recusa, é retirada a libido de determinados objetos nas, enquanto na repressão, ela permanece livre para se ligar a novos objetos, na recusa, ela se transforma em libido de Ego;
  - d) tanto na repressão, quanto na recusa, há perda e / substituição da realidade e, nêsse aspecto, elas só se diferenciam por uma questão de momento e grau;
  - e) tanto na repressão, quanto na recusa, há cisão no Ego, ou seja, há coexistência de duas correntes psíquicas contrárias: uma que rejeita a Realidade (e se submete ao Id) e outra que se submete à Realidade (e rejeita o desejo do Id).
- 8) Do ponto de vista metapsicológico, a repressão pode / ser definida como um mecanismo que consiste no envio/

de contra-catexa na direção de uma imagem mnêmica reca  
tectada pela quantidade de energia que conseguiu ul-  
trapassar o liniar de resistência das barreiras de con  
tato existentes en .

- 9) Quanto às experiências que, aparentemente, rejeitam hi  
poteses ligadas à teoria freudiana da repressão, pode  
nos dizer que tais experiências revelam apenas uma fal  
ta de conhecimento adequado do conceito de repressão /  
na obra de Freud.

-- -- -- --  
-- --  
--

## B I B L I O G R A F I A

1. Barros, C.P. - "Thermodynamic and Evolutionary / Concepts in the Formal Structure of Freud's Metapsychology" in the World Biennial of Psychiatry and Psychotherapy, vol. I, 1971.
2. Bohn, Evald - "Manual del Psicodiagnóstico de Rorschach", Ediciones Morata, S.A., Madrid (1968)
3. Farrel, B.A. (1951) - The Scientific Testing of Psychoanalytic Findings and Theory - in Freud and Psychology, S. G.M. Lee and Martin Herbert, Penguin Books Ltd., Middlesex, England (1970)
4. Freud, Anna - El Yo y los Mecanismos de Defensa Ed. Paidós, Buenos Aires (1965)
5. Freud, Sigmund (1894) - Las Neuropsicosis de Defensa in Obras Completas, Ed. Biblioteca / Nueva, Madrid (1948)
6. Freud, Sigmund (1905) - Una Teoría Sexual in Obras Completas, Ed. Biblioteca Nueva, Madrid (1948)
7. Freud, Sigmund (1910) - Sistemática in Obras Completas, Ed. Biblioteca Nueva, Madrid (1948)
8. Freud, Sigmund (1914) - Historia del Movimiento Psicanalítico in Obras Completas, Ed. Biblioteca Nueva, Madrid (1948)
9. Freud, Sigmund (1915) - La Represión in Obras Completas, Ed. Biblioteca Nueva, Madrid (1948)

10. Freud, Sigmund - Lo Inconsciente in Obras Comple -  
(1915) tas, Ed. Biblioteca Nueva, Madrid  
(1948)
11. Freud, Sigmund - Observaciones Psicoanalíticas  
(1915) sobre un caso de Paranoia  
(Dementia Paranoides) autobiográ-  
ficamente descrito in Obras com-  
pletas, Ed. Biblioteca Nueva, Ma-  
drid (1948)
12. Freud, Sigmund - Historia de una Neurosis Infantil  
(1918) in Obras Completas, Ed. Bibliote-  
ca Nueva, Madrid (1948)
13. Freud, Sigmund - La Organization Genital Infantil  
(1923) in Obras completas, Ed. Bibliote-  
ca Nueva, Madrid (1948)
14. Freud, Sigmund - El "Yo" y el "Ello" in Obras Con-  
(1923) pletas, Ed. Biblioteca Nueva, Ma-  
drid (1948)
15. Freud, Sigmund - Psicoanálisis in Obras Completas  
(1923) Ed. Biblioteca Nueva, Madrid  
(1948)
16. Freud, Sigmund - Teoria da Libido in Obras Comple-  
(1923) tas  
Ed. Biblioteca Nueva, Madrid  
(1948)
17. Freud, Sigmund - Historia in Obras Completas,  
Ed. Biblioteca Nueva, Madrid  
(1948)
18. Freud, Sigmund - La Pérdon de Realidad en la  
(1924) Neurosis y en la Psicosis, in  
Obras Completas, Ed. Biblioteca  
Nueva, Madrid (1948)

19. Freud, Sigmund - Neurosis y Psicosis in Obras Completas, Ed. Biblioteca Nueva, Madrid (1948)
20. Freud, Sigmund - Inhibición, Sintona Y Angustia in Obras Completas, Ed. Biblioteca Nueva, Madrid (1948)
21. Freud, Sigmund - La Negación in Obras Completas, Ed. Biblioteca Nueva, Madrid (1948)
22. Freud, Sigmund - Fetichismo in Obras Completas, Ed. Biblioteca Nueva, Madrid (1948)
23. Freud, Sigmund - Nuevas Aportaciones al Psicoanálisis in Obras Completas, Ed. Biblioteca Nueva, Madrid, (1948)
24. Freud, Sigmund - Esquema del Psicoanálisis in Obras Completas, Ed. Biblioteca Nueva, Madrid (1948)
25. Freud, Sigmund - Esquisse d'une Psychologie Scientifique in La Naissance de la Psychanalyse, Presses Universitaires de France, Paris (1956)
26. Hilgard, E.R. - "The Scientific Status of Psychoanalysis" in Freud and Psychology, S.G.M. Lee and Martin Herbert, Penguin Books Ltd., Middlesex, England (1970)
27. Laplanche, J. e Pontalis, J.B. - "Vocabulario da Psicanálise", Livraria Martins Fontes, Santos, Brasil (1970)
28. Rosenzweig, S. - "The Experimental Study of Repression" in Freud and Psychology, S.G.M. Lee and Martin Herbert, Penguin Books Ltd., Middlesex, England (1970)

29. Sears, R.R. (1942) - "Repression" in Freud and Psychology, S.G.M. Lee and Martin Herbert, Penguin Books Ltd., Middlesex, England (1970)
30. Tenpone, V.J. - "Extension of the Repression Sensitization Hypothesis to Success and Failure Experience" in Freud and Psychology, S.G.M. Lee and Martin Herbert, Penguin Books Ltd., Middlesex, England (1970)
- - - -  
- -  
-